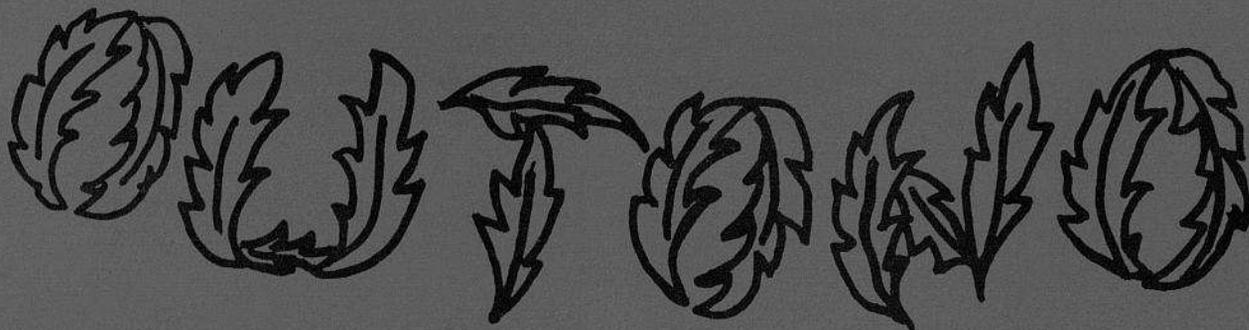
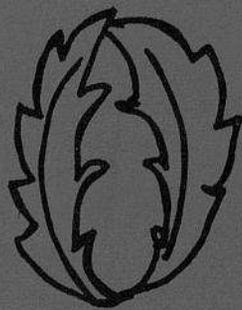


VASCO MC MARTINS



fontanário

UMA HISTÓRIA COM DOIS ANOS

Durante dois anos, de outubro 76 a dezembro de 78, cerca de cento e cinquenta professores primários portugueses, destacados em França, participaram de um ciclo de formação de formadores.

O Irfed, a partir da sua experiência intercultural, foi pressentido como o organizador e responsável do quadro teórico e prático da formação.

Uma Equipa foi contratada para elaborar e pôr em prática o projecto. Da diversidade dos métodos e das opiniões, do enriquecimento mútuo na troca de experiências, esta formação de formadores tornou-se mais num momento de vida, de encontro, de novas relações, estímulo à análise crítica, e lugar de palavra livre.

O compromisso assumido pela Equipa era contribuir para o alargamento dos conhecimentos pedagógicos e de sensibilização ao fenómeno da imigração; e tudo isto, se possível, num quadro aberto e dinâmico.

Foi esta lógica que a Equipa procurou numa relação não-directiva, proporcionando a cada um a possibilidade de manifestar, no momento que lhe parecer mais oportuno, quer a sua vivência quer o seu desejo de comunicação.

O FUTURO É AGORA!

A partir de janeiro de 79 um outro projecto se inicia. Aproveitando a experiência recolhida durante dois anos pela Equipa do Irfed, as autoridades administrativas portuguesas, através da Coordenação do Ensino do Português em França, resolveram criar o seu próprio serviço de formação. O Fundo de Acção Social e o Fundo Social Europeu financiam esta nova fase do projecto.

A Equipa do Irfed vai dedicar-se agora a um trabalho de análise sobre os dois anos de intervenção no quadro desta formação, que deverá concretizar-se sob a forma de um relatório aprofundado.

Resta-nos expressar, aqui e agora, o desejo de que o caminho que fizemos juntos seja uma etapa, e que ela sirva a outras intervenções e realizações em benefício dos filhos dos imigrantes.

Equipa Formação de Formadores

Com o número 5 do Fontanário chegamos ao fim do ano de 78, com o número 6 iniciamos o ano de 79.

Ano Novo, vida nova, maiores votos e melhores auspícios ao nosso jornal ! ...

Podemos admitir, pelos testemunhos, apoio e colaboração, que o Fontanário tem correspondido em grande parte às nossas aspirações e preocupações, mas não ignoramos também que esta apreciação não é compartilhada pela totalidade dos nossos colegas, se, na origem da nossa pluralidade ideológica, se, na relação da nossa diversidade..., bagagem intelectual, pedagógica e cultural que honestamente respeitamos e compreendemos.

Até à data, as críticas e considerações feitas ao nosso jornal têm sido na análise das suas opções, bastante vagas, indecisas, opostas e puramente verbais.

Se acreditarmos e fizermos confiança aos ditos por não ditos, observamos atenciosos e reflectidos que alguns colegas estimam que o Fontanário é bastante "fraquinho", pobre na dialéctica e sem profundidade na retórica ... Outros acham-no insignificante, sem interesse nem motivação ... Os outros, a grande maioria, consideram-no indispensável ...

Aceitamos, avaliamos e respeitamos os conceitos e considerações de todos, se assim não fosse não seríamos dignos das ideias democráticas que defendemos, nem do trabalho que juntos compartilhamos. Será então necessário recordar a todos o que se disse e que bem especificamos logo da saída do nosso 1º número ?

Que o Fontanário não era um jornal para "professores" mas sim para todos e feitos por todos os professores, na medida das nossas possibilidades e capacidades e que o seu valor e profundidade seria tanto mais quanto o alargamento das nossas opiniões, sugestões e suas críticas.

Foi realmente esta a via que todos seguiram ? E porque assim aconteceu? Em que expectativas e projectos se fará o nosso próximo número ? Poderão a todas estas questões os colegas responder ?

Lembramos, no entanto, convictos no êxito do nosso jornal, que ele depende inteiramente de nós. Que é absolutamente necessário, o incondicional apoio e colaboração de todos, na preocupação constante do seu melhoramento, no interesse de torná-lo mais útil, mais activo e acessível a todos, na clareza das nossas intenções e no sentido profundo do que cada um deverá e poderá contribuir.

É preciso, no futuro, e na definição de novas perspectivas alargar o campo das suas actividades, tornando-o mais aberto e mais vasto, na capacidade de podermos encontrar nele as respostas às nossas questões, na extensão das nossas legítimas aspirações, das nossas decisões, responsabilidades e independência.

Só na determinação do nosso trabalho e necessidades próprias, na procura de novas ideias e no pleno uso de novas reflexões, que o Fontanário será o elo de ligação das nossas relações, da nossa unidade e convívio, o apárgio da nossa vocação, trabalho e consciência profissional.

FUTURO: QUE FUTURO ?

Como professora e mãe, preocupa-me o futuro dos nossos alunos e de todos os jovens emigrantes .

Não podemos negar que a maior parte dos alunos que nos passam pelas mãos são crianças relativamente inteligentes, visto que quase todas atingem a 2º fase de escolaridade portuguesa obtêm o certificado de exame, o ao CM2 na escola francesa, chegam também bastantes.

Isto não acontece por mero acaso, antes porque nos adaptamos a eles porque criamos modernas técnicas de ensino e trabalhamos paralelamente à escola francesa.

Olhando, porém, as estatísticas de há muitos anos e as de agora, conhecendo nós as causas e os efeitos, verificamos dia a dia o insucesso das nossas crianças na escola francesa. Num determinado ano, verifiquei que os alunos que partiram para Portugal depois de fazerem aqui a antiga 4º classe singraram e estão no 7.º ano do liceu em Portugal e tenho alguns noutros anos, sem nunca terem reprovado. As mesmas crianças que eu leccionei e que me pareciam razoáveis só 4 continuaram os estudos secundários e com bom aproveitamento e as outras, aos poucos, foram encaminhadas para a aprendizagem.

Quanto a mim, vejo os nossos jovens num prisma de 3 faces iguais e, cada uma conduz a um resultado diferente.

1º/ Os alunos fazem aqui, a escolaridade primária francesa e portuguesa e de-

pois partem para Portugal e entram no Ciclo. Estes, de uma maneira geral, adaptam-se muito bem.

2º/ Os alunos prosseguem aqui toda a escolaridade francesa e chegam mesmo, alguns à Faculdade, Estes, raramente, são recuperáveis, porque dominando bem a língua habituados aos costumes franceses lançados no mercado do trabalho, casam-se, têm filhos e ficam., Esta é grande dor de centenas de pais que se vêem privados dos filhos. Se tiverem ou quiserem voltar para Portugal, ou então, terão que ficar aqui se não quiserem viver tão amargurados. Estes são os efeitos da Emigração, que vitimaram centenas de pessoas.

3º/ Os alunos seguem aqui a escolaridade francesa até aos 16 anos e depois fazem aqui, a formação pré-profissional. Nesta fase devia haver uma espécie de acordo dos dois Governos e uma certa orientação das entidades competentes, para que estes jovens fossem orientadas para profissões de que há carência em Portugal e assim, poderiam formar uma espécie de técnicos de que muito precisamos e ajudariam a desenvolver o País e encontrariam em Portugal trabalho, com relativa facilidade.

Julgo que neste campo, pouco se tem feito,

pois continuamos a saber que os nossos jovens continuam a ser encaminhados para a construção civil, onde há excesso de braços em Portugal e portanto, falta de emprego. As raparigas são também quase todas, contabilistas ou vendedoras...

É preciso ver que a maior parte destes jovens e seus pais vão partir num futuro muito próximo. Ouvimos a toda a hora : "Partiremos daqui a 4 ou 5 anos, logo que os nossos filhos tenham acabado a aprendizagem, pois o que estamos aqui a fazer se a vida aqui, está cara e não se pode cá viver e em Portugal vive-se bem ?" Esta impressão que eles trazem

de Portugal é que lhes faz apressar a partida.

Há que encarar, bem depressa, esta realidade e preparar os nossos jovens o verdadeiro caminho, que os conduza a Portugal se encontrarem obstáculos no Futuro. Se esses jovens levarem profissões que faltam em Portugal serão bem recebidos se levarem profissões que lá abundam, a sua entrada causará atritos. É preciso, que esta verdade seja bem encarada a tempo. Sofre-se tanto fora do País, que se tem o direito de entrar nele, tranquilamente e quando se quiser.

MARIALICE



" Colectivo de Colaboradores "

Ana Ramires - Ste Genevieve / Bois
Délia Santo António - St Michel s/Orge
Helena Gelpi - Paris
João Moreira de Carvalho - Limoges
José Andias Martins - Niort
José Pereira - Corbeil
José Rocha Carneiro - Lyon
Manuel Campos Pinto - Villemoisson s/Orge

Manuel Fernandes - Vandoeuvre
Maria Alice Canelas - Clermont Ferrand
Maria da Conceição Branco - Limoges
Maria da Glória Gonçalves - Enghien
Maria Inês Martins - Montgeron
Maria Jesus Ribeiro - Angoulême
Maria José Ceia - Suresnes
Maria Júlia Afonso - Dreux

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES EM FRANÇA

Dado que o professor em França não se pode dedicar unicamente a ensinar a ler e escrever visto ter que desempenhar um papel "sócio-cultural" junto das COMUNIDADES PORTUGUESAS torna-se necessário cursos de formação para esse fim. Essa formação, mesmo indispensável dado que trabalhamos com uma classe que por si própria necessita de se definir.

Quais as razões que me levam a fazer esta afirmação ? ...

- O emigrante é um ser completamente dividido : entre o que quer ser e o que é.
- Tem os pés no estrangeiro e o coração no país.
- Para onde vão as suas economias ? Para que fim ? Vão os filhos usufruir delas ?

Para nós, professores, podermos ensinar à criança a dignidade e o respeito pelo outro - pelo país - será necessário que PORTUGAL tenha em conta que o EMIGRANTE não é um ser MARGINAL. O país tem por obrigação criar-lhe estruturas de apoio e não apenas a fazer-lhes promessas muitas vezes irrealizáveis. Como explicar, por exemplo, o artigo 1096 a 1099 do CODIGO CIVIL ? ...

Dentro desta linha de ideias a formação dos professores torna-se urgente e esta deve ser feita em cooperação com os dois países.

Organização de uma aula

A organização de uma aula supõe sempre um certo número de considerações teóricas :

- Número de alunos
- Classes sociais
- Fins a atingir

Problemas

Como identificar um ser não identificável ?

Como fazer viver a vida a quem (na maior parte dos casos) se sente marginalizado ?

Como reconstituir o que se perdeu ?

Dois PAISES, duas CULTURAS, duas NACIONALIDADES, eis a situação dos alunos, - dos emigrantes... Que escolher ? ...

Perante esta enormidade de problemas podem os governos continuar parados e nada fazer para a formação daqueles que têm por missão enfrentar e ensinar a classe emigrante ? ...

Onde está o nosso direito à formação permanente ? ...

MARIA ALICE TOMÉ.



MANUEL E MÁRIO : UM PEDAGO DA SUA HISTÓRIA

Manuel, 19 anos, e o seu irmão Mário, 16 anos, habitam em Nanterre, Hauts de Seine. Chegaram de Portugal em 1974, uma semana antes do 25 de Abril, com a mãe e os restantes irmãos, para se juntarem ao pai, servente da indústria, já instalado em França. A família é originária duma vila dos arredores do Porto.

Tanto o Manuel como o Mário estão actualmente em aprendizagem. O mais velho, uma semana depois de estar em classe de adaptação obteve um contrato de aprendizagem numa fábrica de camiões, na "Defense", para preparar um C.A.P. de mecânico. Mário, que foi mais tempo à escola francesa é aprendiz num pequeno patrão "um judeu gentil com os portugueses". Um sábado à tarde de dezembro 1977 "Migrants-Formation", encontrou-os em Nanterre.

Podem falar-nos da vossa vida de trabalho ?

Manuel - Preparo um C.A.P. de mecânico. Vou passá-lo em maio 78. A teoria é difícil. Aprendemos higiene, legislação, salários, férias, doenças profissionais, tudo o que nos poderá servir mais tarde na vida. Tenho dificuldade em compreender certas palavras. A prática vai bem. Já ganho 1.400,00 francos por mês. Para a primavera ganharei F 2.000. É uma boa profissão que se pode encontrar por todo o lado e em todos os países. Com o C.A.P. sou imediatamente P1. Podemos ganhar mais e sermos chefes de "atelier". O pai só ganha F 3.000, não é muito para a família.

Sentes-te bem na fábrica. Como estrangeiro ?

Manuel - Sim, vai bem, por vezes não muito bem com o chefe. Ele é racista. Mesmo os franceses dizem que ele é racista. Eu não percebo isso : Somos todos irmãos... A maior parte dos trabalhadores da fábrica são estrangeiros. Ele ralha-nos. Está contra nós. Não gosta de mim. Diz : "Os estrangeiros, ide para o vosso país". Eu respondo-lhe "é graças à nós que a França é rica". Os franceses dizem : "Isso é verdade". Os estrangeiros trabalham duramente.

Com os amigos estrangeiros, vai bem. Convida-me a beber um copo com eles. Riem-se quando eu respondo ao chefe. Se ele me diz : "Faz o teu trabalho, cala-te, senão mando-te embora". Eu digo-lhe "Não me pode mandar embora, porque ainda não acabei a minha aprendizagem. Vou-me queixar ao Inspector do Trabalho". Não faço asneiras, faço o meu trabalho sem me ocupar dos outros.

Mário - Eu entendo-me com o meu patrão. Quando tem um trabalho difícil é sempre a mim que chama. Os árabes são menos sérios que nós. Não gostam do trabalho.

Manuel - O próximo ano, com o C.A.P. a vida será melhor. Preparo a minha carta de condução. Vou comprar um carro novo. Se tiver dinheiro... Já há três anos que vou ajudar num mercado, aos sábados e domingos de manhã. Levanto-me às sete horas menos um quarto. Estou no mercado das sete e meia ao meio-dia. Descargo as caixas de fruta e legumes. Ao princípio não sabia falar. O patrão dava-me dez francos. Espertei, aprendi a falar, a pesar, etc... Trabalho com gosto... O patrão aumentou-me. Os clientes estão contentes. A mulher do patrão disse-lhe : "Ele é sério, serve bem, é preciso dar-lhe mais". Agora ganho cem francos por mercado, 200 por semana, entre oito centos a 1.000 francos por mês. Não está mal, hem? Economizo esse dinheiro juntamente com algum do meu salário. Economizo para comprar um bilhete de avião para as férias de verão em Portugal. Ponho o dinheiro no Banco em Portugal, e na "Caisse d'Epargne".

Mário - Eu também vou aos mercados nos domingos. Trazemos fruta sem pagar. O patrão diz-me : "Tu és bom rapaz". São pessoas simpáticas que têm confiança em nós.

Quando não trabalham, o que é que fazem ?

Mário - À noite como, vejo um pouco a televisão e deito-me. O que vejo na televisão? Os filmes. Antes ia à J.O.C, mas agora já não tenho tempo. E preciso ter uma grande

cabeça. As vezes vamos ao cinema, não muito, ver os filmes de "sciences-fiction", texas, westerns, policiais. Vou às compras com a minha mãe. A minha irmã trabalha numa cantina: ela ajuda muito a minha mãe em casa. A minha mãe nunca foi à escola. Em Portugal trabalhava duramente no campo, debaixo de chuva, desde pequenina. Estava sempre doente.

Manuel - Nos domingos vamos ao baile português. Há raparigas francesas. Elas gostam dos portugueses e dizem: "os portugueses são sérios, não pensam só em divertir-se. Ocupam-se bem da casa". Não gosto de ir a Paris. As vezes vamos ao baile a Montparnasse.

Tendes amigos franceses ?

Manuel - Sim, agora temos. O primeiro ano foi difícil. Víamos os outros falar. Nós não sabíamos. Tinhamos saudades da nossa terra. Agora está bem. Há franceses que são simpáticos para nós. Conheço uma família francesa, rica. Moram em Rueil. Têm um filho e uma filha. A rapariga disse-me "queres vir jantar a casa?" Eu digo: "Não". Ela diz, "sim, vens"... São pessoas simpáticas.

Mário - Há franceses que nos dão roupa em vez de a deitarem para o lixo.

Isso agrada-lhes ?

Mário - Sim, gosto muito, são pessoas que gostam dos estrangeiros...

Vocês gostariam de voltar para Portugal ?

Mário - Talvez isso aconteça...

Manuel - Lá em baixo podemos abrir uma garagem. Conheço uma pessoa que era mecânico aqui. Fez um ensaio dum mês, lá em baixo. Correu bem. Encontrou um lugar a F 20.000. Ficou chefe. Mas, lá em baixo, há coisas que não andam bem. O país está na miséria. Eles disseram: Aquele que não trabalha, não come. Aqui o desemprego aumenta com o salário mínimo. Os ministros disseram...

Mário - No país, durante as férias, está bem. O meu pai recebe os amigos: "Bom-dia, como está?". Jogam uma partida de cartas. Abriamos uma garrafa. Visitamos a família...

Pensam que as pessoas os invejam ?

Manuel - Invejam?... Explique isso ?...

Pensas que as pessoas lá em baixo pensam que tu tens sorte ?

Manuel - Sim, há quem queira partir para a França, para a Alemanha. Têm dinheiro, mas não têm muita coisa para comprar. Aqui há muito que comer, mas não há muito dinheiro. A minha avó escreveu que já nem havia balcão. É preciso mais cinquenta anos para que o país seja como a França. Aqui, o "Concorde", inventaram esse aparelho com a inteligência. Na nossa terra não há muita inteligência.

Não deve dizer isso. É o resultado da ditadura e da falta de instrução.

Manuel - Sim, é verdade. A minha mãe nunca foi à escola.

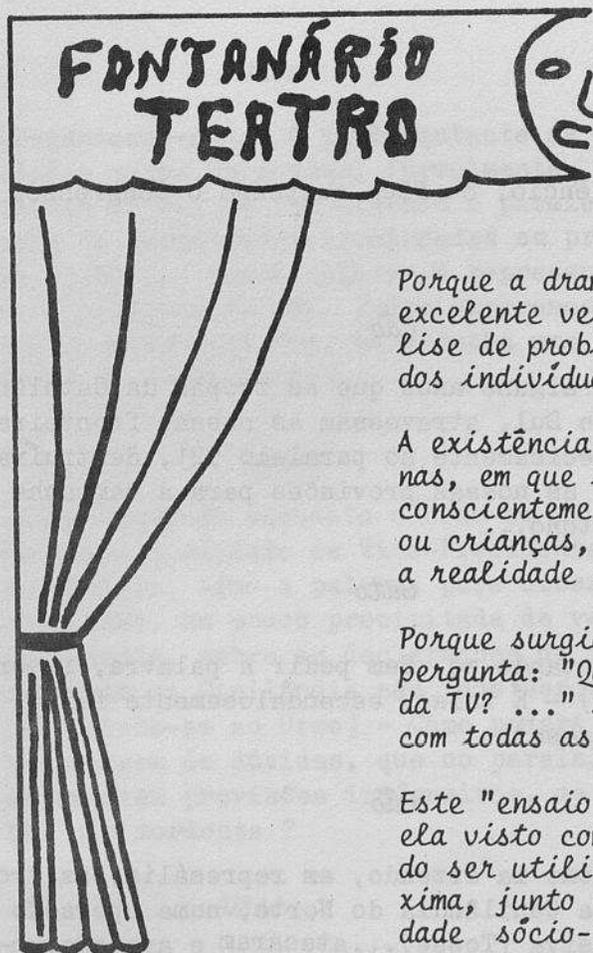
Ides fazer o serviço militar a Portugal ?

Manuel - Não sei... Talvez... gostaria, para ficar seis meses no meu país. Um mês por ano não é suficiente. Quero morrer lá em baixo.

Que queriam ver mudar em França, para que as coisas corressem melhor para vocês ?

Manuel - O salário e o emprego. Para pagar a renda e comer não ganhamos o suficiente. Conheço famílias, francesas e portuguesas, que passam fome. Há muita gente no desemprego. Os rapazes franceses não querem trabalhar. Era preciso que os obrigassem. No nosso país também há miséria. Ainda mais. E por isso que nós viemos. Os portugueses são pessoas que gostam do trabalho.

Esta entrevista foi traduzida de "Migrants-Formations", número de outubro 78, dedicado aos adolescentes imigrados.



PORQUÊ?...

Porque a dramatização é indispensável, como meio pedagógico, e excelente veículo para um ensino motivado. Sendo bom para a análise de problemas reais, tendo por base a participação activa dos indivíduos.

A existência humana é formada por Actos, com uma ou várias Cenas, em que todos nós participamos, quantas e quantas vezes inconscientemente. Teatro todos podemos escrever, sejamos adultos ou crianças, porque Teatro é poesia que não rima tendo por cenário a realidade e por cores um pouco de imaginação.

Porque surgiu a "Fábula para Adultos"? Poderei responder com outra pergunta: "Que vemos nós e nossos filhos nos noticiários e filmes da TV? ..." Sim, concerteza, quase exclusivamente Cenas de guerra com todas as suas violências e misérias.

Este "ensaio de teatro de café", difícil para a criança, mas por ela visto com gosto, é dedicado aos adolescentes e adultos, podendo ser utilizado pelos professores na época festiva que se aproxima, junto das Associações Portuguesas, no âmbito da sua actividade sócio-educativa.

A Rêgio e a Brecht um pouco se deve quanto à linha seguida, porque com eles se partilha a concepção de um teatro que, Comédia ou Drama, deverá ser um teatro ético e pedagógico.

(Nota do Autor)

Introdução

(Pano corrido. Um desconhecido, que se encontrava sentado no meio do público levantou-se e dirigindo-se para o palco, onde chegou a falar aos espectadores...)

Homem

(Apressadamente, mostrando excitação) - Não sei porque demora tanto a apresentação da peça. A que devemos atribuir tanta demora?... Será que não têm coragem de começar o espectáculo?... (Mudando o tom da voz, fala pausadamente) - Estamos todos com curiosidade em saber qual a historietta que nos vão apresentar hoje. Provavelmente, será igual a tantas outras ... como a Vida é Bela, a Marquesa de Truvisco Visita a Patagónia, etc...

Para cúmulo, foi alterado o programa à última hora. Como substituição, teremos a peça Animais de Não Sei Onde.

Enfim, nós o que desejamos é passar um pouco de tempo agradável... (Ouvem-se as pancadas de Molière). Ainda estou para saber se as histórias de animais nos vão divertir... (O pano sobe lentamente. O homem do público vira-se para o pano, ficando de costas para a assistência).

Acto Único

As cenas passam-se numa sala de assembleia. Na parede do fundo, pode-se ler o dístico, O.N.A. -CONGRESSO-. Do lado direito (fundo), uma imensa lareira com lume artificial (lampadas vermelhas, por exemplo). Sobre a lareira, um enorme relógio. Lateral esquerdo, fazendo ângulo com a parede de fundo, uma mesa em meia lua, à direita da mesa em forma de meia lua, uma pequena tribuna virada para o público. Cadeiras atrás da mesa e da tribuna.

Cena I

O Urso, Cão, Gato, Homem, Aguia e Andorinha (a Aguia, o Urso e a Andorinha, estão sentados à mesa. O Cão e o Gato, estão sentados na primeira fila do público. O Homem encontra-se de pé, à boca da Cena, de costas para o público).

Urso

(Levantando-se. Batendo com um pequeno martelo na mesa) -Silêncio... Dou por aberto o Congresso da Organização das Nações da Animalândia. Para a bicharada aqui presente, para vós que representais a honra do nosso Planeta, os meus sinceros votos de boas vindas... (Reparando no Homem que continua no meio do palco, estático) -Será uma miragem, ou há um terrestre entre nós?... Que seja também bem vindo e, se desejar, está autorizado a assistir ao Congresso da O.N.A.

Arrangem lugar na sala... (Ouve-se o barulho característico dos animais da selva). Silêncio ... (O visitante dirige-se para o público e senta-se no lugar já por ele ocupado antes). Para quê todo esse tumulto de reprovação contra a presença de um terrestre? Segundo informações colhidas pelos tripulantes do disco voador, em missão nas proximidades da Terra, as coisas não vão lá muito bem... provavelmente não temos de que nos envergonhar... Estamos aqui reunidos, para tentar uma verdadeira paz na Animalândia. Pode ser que a nossa visita nos venha a ser útil.

Segundo a ordem do dia, começamos por analisar a preocupante situação no Extremo Caden-te. Tem a palavra o delegado da Canilândia do Norte.

Cão

(Levantando-se. Sobe ao Palco. Coloca-se atrás da pequena mesa que serve de tribuna) -Senhor Presidente, o meu sincero agradecimento por me ter concedido a palavra em primeiro lugar. A razão está do nosso lado... (Novamente o barulho ensurdecedor da selva, com miados de gatos).

Urso

- Silêncio, ou fica suspenso o Congresso.

Cão

Há já alguns anos que as tropas da Gatolândia do Sul, atravessam as nossas fronteiras e, precisamente no paralelo 521, destruíram todas as nossas provisões para a campanha de Outono...

Gato

(Levantando-se. Sem pedir a palavra, interrompe) - É falso, escandalosamente falso (Senta-se).

Cão

... Como ia dizendo, em represália, as tropas da Canilândia do Norte, numa operação defensiva (Tosse)...atacaram e apoderaram-se de todo o paralelo 522, que não trouxe qualquer contribuição à nossa economia. O paralelo 522 é totalmente ocupado por pântanos e rios. Como é sabido, o povo da Canilândia não se alimenta de peixe ou seus derivados.

Homem

(Levanta-se. Fala muito alto) - Bem me parece que pela Animalândia há muitos problemas parecidos com os nossos, na Terra. Duvido que encontrem uma rápida solução... (Barulho ensurdecedor da selva. Senta-se).

Urso

Silêncio. Silêncio... (Bate com o martelo. O barulho termina).

Cão

Para terminar a minha intervenção, quero transmitir que o meu Governo, reunido em Ao-Ao, capital da Canilândia, decidiu continuar as hostilidades até à rendição total das forças da Gatolândia do Sul (Arruma os documentos na pasta e, apressadamente, dirige-se para o público, sentando-se ao lado do Gato).

Urso

(Levantando-se) - O representante da Canilândia acaba de acusar, formalmente, a Gatolândia do Sul de ter atacado o paralelo 521, onde se encontravam armazenadas as provisões de Outono... Tem a palavra o representante da Gatolândia do Sul. Todos esperamos que, das suas declarações, se obtenha uma plataforma de entendimento.

Águia

(Levantando-se enquanto o Urso se senta) - Na minha qualidade de Vice-Presidente desta Assembleia, tomo a palavra para dizer que a conclusão, um pouco precipitada do venerado Presidente, sobre as declarações do representante da Canilândia não pode ser exacta. (Dirigindo-se ao Urso) - Como poderá afirmar, sem margem de dúvidas, que no paralelo 521, só existem provisões inofensivas, de caracter não mordente ?

Urso

(Continuando sentado. Em altos gritos) - Eu não concluí. Eu não afirmei.

Águia

Não disse. Não concluí. Não afirmou (Aumentando a voz)... mas pensou. Concerteza já esqueceu que no planeta da Animalândia e evolução atingiu tal ponto que não se fala, pensa-se. O diálogo é telepático e o que se pensa todos sabem no mesmo instante.

Urso

(Pouco à vontade, respondendo sem convicção) - Sim, posso afirmá-lo. Foi o país ao qual pertence, a Ursolândia, que forneceu as tais provisões. Tratava-se de uns ossitos duros de roer.

Gato

(Subindo ao palco, toma posição atrás da tribuna. A Águia senta-se. Barulho da selva com predominância de latidos) - Perante as falsas afirmações do nosso adversário, não posso deixar de protestar e afirmar que não queremos atacar a Canilândia. A guerra entre o Cão e o Gato, desde a criação da Animalândia, sempre existiu. Apesar desse facto, de tempos a tempos, ambos comem no mesmo pra-

to. O que nos levou a atacar o nosso vizinho, foi termos conhecimento da existência, no paralelo 521, de foguetões anti-gatos que, no caso de não serem desmantelados seriam um osso duro de roer, como afirmou o venerando Presidente...

Homem

(Falando alto) - Quanto a mim, a melhor solução é deixar de haver fronteiras. Que todos sejam irmãos. Scis animais, mas tentai dar uma lição ao Mundo. Encontrai a solução que os Homens nunca encontrarão (Desiludido) jamais...

Gato

... Como ia dizendo, a nossa operação de surpresa, só não resultou porque as pastilhas elásticas, fornecidas por um país amigo, não estavam em bom de mastigar. A ratoeira não resultou e fomos perseguidos até o limite sul do já célebre paralelo. A nossa intensão era fazer com que o exército da Canilândia ficasse com os pés presos nas pastilhas que os Gatos mastigavam e cuspiam durante a retirada.

Cão

(Sentado) - Gostaria de saber qual é o país amigo que forneceu o produto. Concerteza foi o país da Águia, grande produtor de pastilhas elásticas que fazem bolinhas...

Águia

(Levantando-se. Enérgica) - Estou aqui na qualidade de Vice-Presidente do Congresso, não como representante do meu país. No entanto, não poderei deixar de ilucidar que as tais pastilhas se destinavam a fins terapêuticos. E evidente que na Gatolândia, enquanto mastigavam e faziam bolinhas, a tensão nervosa acalmaria... (Senta-se).

Gato

Para terminar, comunico que o Governo da Gatolândia, reunido na sua capital de Miau-Miau, está disposto a continuar a guerra até recuperar o paralelo 522. (Arrumando a papelada numa pequena pasta. Desce do palco e vai sentar-se ao lado do Cão).

Cena II

Urso, Águia e Andorinha.

Urso

(Barulho da selva) - Silêncio !... Silêncio!..
(O barulho diminui gradualmente) O problema é complicado. A Canilândia precisa de rampas anti-gatos e a Ursolândia não pode deixar de as vender.

Águia

O problema é complicado. A Aguilândia fabrica pastilhas elásticas e a Gatolândia tem que as mastigar.

Andorinha

(Levantando-se) - Eu represento os neutrais. Represento os restantes animais ! Quero expressar a minha preocupação, direi mesmo angústia. O meu pressentimento do fim trágico que se aproxima... Da discórdia entre Cão e Gato, Águia e Urso, somos nós os pequeninos que cheiramos o fumo da rampa e tragamos a pastilha. Porque não encontrar uma solução, escutando a multidão de pequeninos. Instituir um prémio para as boas acções. Porque não... (Gargalhadas simultânea do Urso, Cão, Águia e Gato) Ah! Ah! Ah!

Urso - Cão - Águia - Gato

(Em coro) - Que o mais forte vença com razão ou sem ela. Para nós, animais, tanto faz !
(Ouve-se ruído de intenso tiroteio. Aviões em voo razante. Gritos. Ambulâncias. Um autêntico inferno. O Urso e a Águia fogem pela porta do fundo ; a Andorinha pela chaminé ; o Cão e o Gato sobem precipitadamente ao palco e fogem pela porta da direita).

Cena III

Homem, Pai Natal e Menino.

Homem

(Corre para o palco. Cabelo despenteado, gravata ao lado, expressão de angústia. Gira sobre os calcanhares e fica virado para o público). (Gritando) - Não sois mais que animais brutos, irracionais... Porque não me perguntaram a opinião ? Porque não me escutaram ? (O barulho da guerra vai diminuindo lentamente) Sim, sou um observador sem importância, mas escutai. Eis a solução : A rampa anti-gato transformada em rampa anti-doença. A pastilha transformada em pão... (Desanimado, encaminha-se para a mesa da presidência. Encosta a testa à mesa e aperta a cabeça com as mãos)... Que o mais forte vença com razão ou sem ela. Esta história tinha, forçosamente, de terminar mal. Animais irracionais, jamais encontrarão razão.

Os últimos tiros acabam de se ouvir ao longe. Silêncio total. As luzes diminuem de intensidade até à escuridão total. O homem é substituído por uma Criança. A lareira ilumina-se intensamente e, através dela, num clarão de luz, aparece o Pai Natal).

Pai Natal

(Ouve-se um cântico de Natal) - Vem cá meu menino. (Voz plena de ternura) Porque choras ? Quem te deixou perdido na selva ?... Vem comigo vem. Vou levar-te para a Terra, onde se celebra hoje uma noite de Paz e Amor. Sabes que os meninos bons são premiados com lindos brinquedos ?

Vem não tenhas medo. A Terra não acabará assim porque eu sou dos Homens a Consciência, o prémio da boa acção.

Os adultos por vezes esquecem-se que eu sou o fruto da sua própria imaginação e que têm necessidade de mim...

Vem, dá-me a tua mãozinha... (A Criança avança correndo e pendura-se no casaco do Pai Natal) Daqui à Terra, percorrendo a Via Láctea, é o tempo de um suspiro.

Foge comigo desta Selva, dos animais ferozes e quando fores grande, lembra-te deste velho Pai Natal e não voltes à Animalândia... Vem... (Saem pela chaminé. A luz volta à intensidade normal. Ouvem-se doze badaladas no relógio da sala. Cai o pano bruscamente.

Moruz, Terça-feira, 14 de Novembro de 1978

Senhores professores,

Eu e o meu grupo enviamos-lhes um poema que se intitula
"O Cutono". Nós lemos algumas das histórias que estavam
no "fontanário" e gostámos muito delas.

José Figueira

Fátima

Isabel Maria

Fernando Alves Barreiro

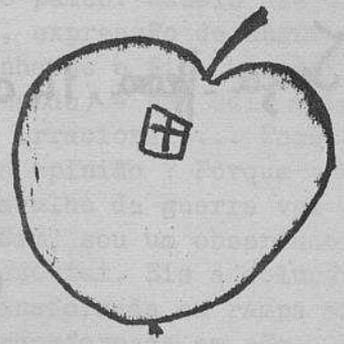
Ana Cristina Fernandes

Antonio Abraço

O Outono

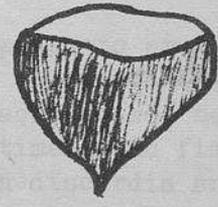
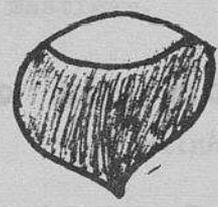
I

Que bela estação
 Que é o Outono!
 As folhas a caírem
 E as árvores a despirem-se
 É nesta estação
 Que se fazem as vindimas
 As pessoas vão
 Ao campo fazer um magusto



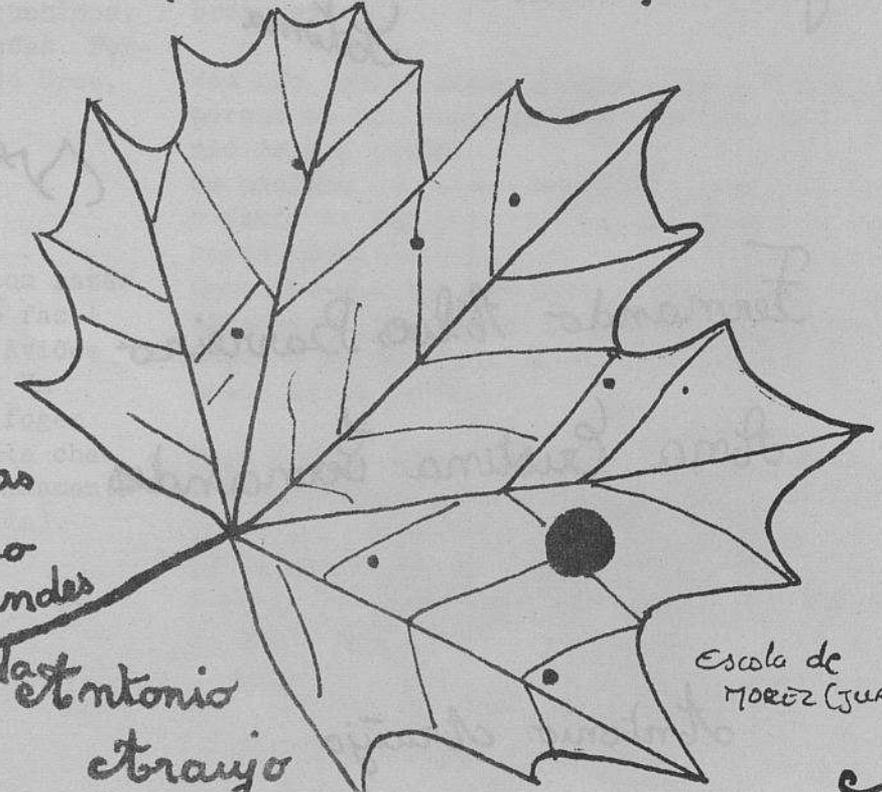
II

O Outono é a
 estação do ano
 em que se faz a colheita
 De alguns frutos
 Os pássaros que imigram
 Vão para os países quentes
 Que bela estação
 Que é o Outono!



III

O nosso Portugal
 No Outono amarelece
 As folhas ficam de
 Várias cores!
 Que bela estação
 Que é o Outono



Isabel Dias
 Fernando Boreiro
 Ana Cristina Pereira Fernandes
 José Almeida
 António
 Catarina
 L. Maria de Fátima

Escola de
 Moez (Jura)

A S T R E S C O I S A S

Um homem e uma mulher estavam a falar.

- Oh, se a gente estivesse ricos! Diz a mulher. Isso é que a gente estamos contentes.

Mas ao mesmo tempo apareceu uma mulher que disse:

- Eu prometo de vos dar as três primeiras coisas que vocês quiserem. Depois ela desapareceu mais depressa do que ela veio.

A mulher sem pensar, disse:

- Ah, que eu queria uma chouriça para eu assar neste bom lume.

Ainda ela não tinha acabado de falar que uma chouriça caiu da chaminé.

O marido:

- Olha o que tu fizeste com a tua chouriça. Vês, fizeste uma linda coisa. Nós não temos mais que duas coisas a pedir. Eu queria ver-te com essa chouriça na ponta do nariz.

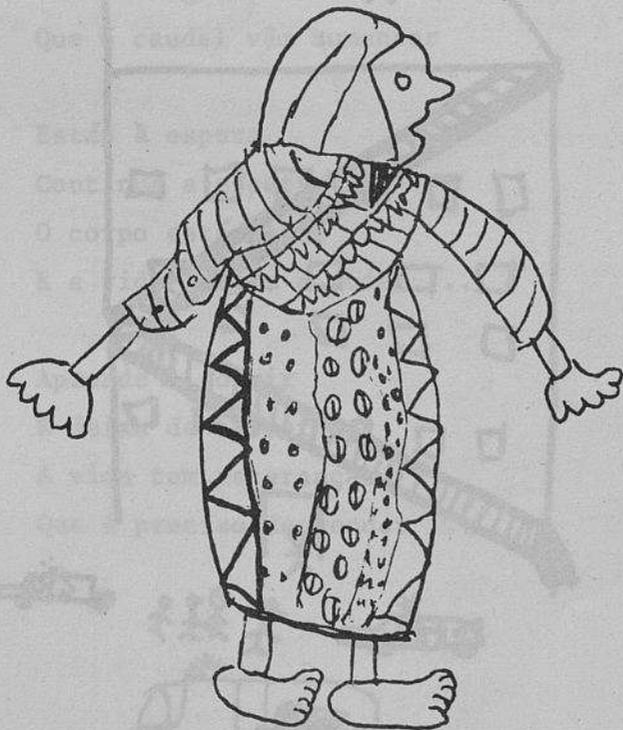
A estas ultimas palavras a chouriça prendeu-se ao nariz da mulher.

- Que eu tenho pena de mim. Tu és mau por ter feito esta coisa.

Como ela chorava muito, o marido pensa no último desejo.

- Que a chouriça caia, diz ele. Isso é que sucedeu.

Mas como eles não são doidos, sabem vocês o que eles fazem? Cozem a chouriça e comem um bom almoço.



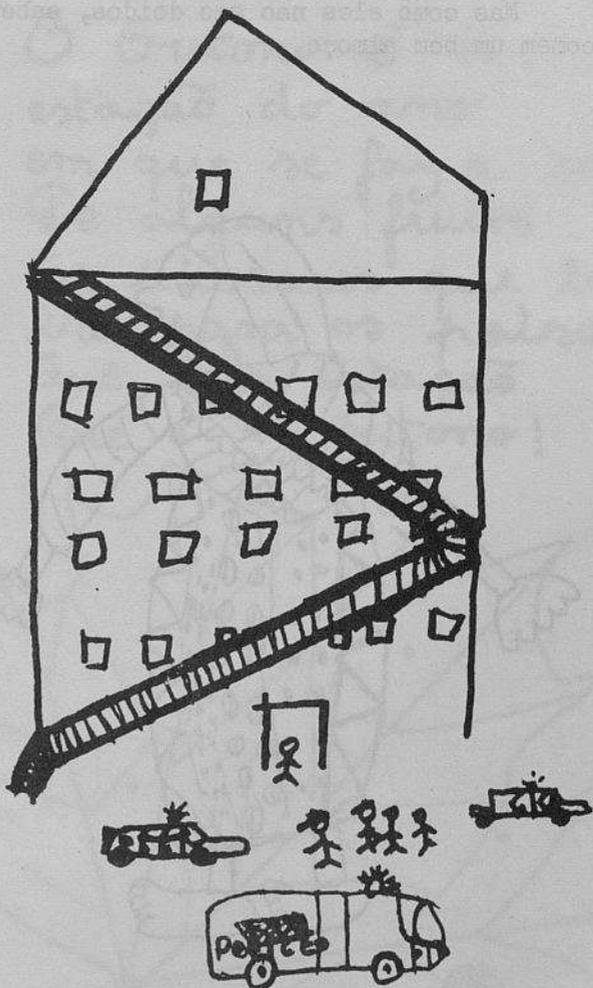
Jorge Santos
Villeneuve St. Georges

Os emigrantes

Os emigrantes que vivem em França são Portugueses, Algerianos etc...

Os franceses querem meter os Algerianos à porta porque já não têm falta deles. E por isso quando aparece algerianos nas ruas de noite as vezes levam-nos

Dinis Manuel Inacio



R U M O R

O teu corpo emigrante

Vira-se para o mar

Pergunta às ondas

Onde o querem levar !...

Os teus cabelos emigrante

Voam pelo ar

Muito longe, muito longe

O vento os irá levar !

Os teus olhos emigrante

Viram-se para o mar

Tantas lágrimas deitam

Que o caudal vêm aumentar

Estás à espera

Continua a esperar

O corpo está gasto

E a vida sempre a andar !...

Aprende a sorrir

E deixa de chorar

A vida tem esperanças

Que é preciso desvendar !...

D E S E J O

Eu queria

Cantar, amar, dar.

Eu queria

Brilhar como o sol

Despertar a alegria de viver.

Eu queria

Ter asas

Voar até ao meu país.

2 POEMAS DE

MARIA ALICE TOMÉ.

NOTÍCIAS DE LYON

(Lyon, 1 dezembro de 1978)

Notícias BREVES :

- ° Encontra-se gravemente doente o colega e amigo João Baltazar Brites, internado num hospital de Grenoble.
- ° Integrada no Festival Internacional de Teatro Infantil, estará presente em Lyon uma companhia portuguesa que participará no referido festival, entre os dias 1 e 17 de junho de 1979.
- Dado o grande interesse e a raridade da presença portuguesa neste género de manifestações, poderão informar-se em :

Teatre Des Jeunes Annes

Centre Dramatique National pour l'Enfance et la Jeunesse.

Teatre du Huitième

8, av. Jean Mermoz

69008 Lyon

Tel. (78) 74.32.08

- ° Vários foram os professores portugueses que não puderam exercer normalmente a sua actividade, durante o passado mês de novembro, devido à greve dos colegas franceses "Instituteurs".
As principais reivindicações são a formação e dignificação da classe, assim como os baixos salários (2.960FF mensais, na provincia, para os "Instituteurs Débutants").
- ° A Delegação Escolar de Lyon, em colaboração com os Docentes da Area Consular levará em efeito, entre os dias 1 e 7 de maio de 1979, a "Primeira Exposição de Desenhos e Fotografias Escolares", sobre os temas seguintes :

a) *Desenho* - "França e Portugal. Como eu os vejo".

b) *Fotografia* - "Os cursos vistos por mim"

Participação dos professores.

J.ROCHA CARNEIRO.



CHAFARIZ DO LESTE

Estatísticas de Leste

Presentemente em França há 306 Professores Portugueses. Nesta região temos 7 no Consulado de Nancy e 11 no Consulado de Estrasburgo. Estes dois Consulados abrangem dez Departamentos.

Eis o número de crianças portuguesas com menos de 16 anos nas diferentes Academias de Leste (Circular do 11.12.1975) :

1. Academia da Lorraine		3. Academia Champagne-Ardennes	
. Meurthe-et-Moselle	: 2642 c. - 5 Prof.	. Ardennes	1287 c. - ? Prof.
. Moselle	: 3048 c. - 2 Prof.	. Aube	2447 c. - ? Prof.
. Meuse	: 1025 c. - 0 Prof.	. Marne	3174 c. - ? Prof.
. Vosges	: 3496 c. - 4 Prof.	. Haute Marne	1401 c. - 2 Prof.
2. Academia de Alsace		4. Academia de Besançon	
. Bas-Rhin	: 1813 c. - 4 Prof.	. Besançon	6439 c. - 1 Prof.
. Haut-Rhin	: 3174 c. - 2 Prof.		

Temos, pois, um total de 29 946 crianças nesta Região. O Consulado de Nancy com 6 715 crianças e o de Estrasburgo com 16 323.

Os 7 Professores de Nancy estão a leccionar em 43 Cursos, sendo 15 paralelos e 28 integrados. O total de alunos abrangidos é de 950, dando uma média de 135 alunos por Professor.

Reunião Mensal dos Professores em Nancy

No dia 5 de Dezembro reuniram-se mais uma vez os Professores do Consulado. Assuntos a debater : Seguros "Império" - Reivindicações dos Professores - Informações aos Pais acerca dos Cursos de Português no C.E.S. e abertura de Cursos - etc...

Quanto aos Seguros "Império" : Para os Professores só uma Professora aceitou esta modalidade. Os restantes pensam que este seguro só traz desvantagens para os Professores. Quanto ao seguro para as crianças há descontentamento como ele é feito, pondo o Professor diante de situações delicadas de pedir dinheiro aos pais, sem poder justificar esse seguro, pois não há nenhum recibo a dar.

Quanto as reivindicações os Professores enviaram uma carta para Paris, onde no dia 10 de Dezembro havia uma reunião marcada pelos Professores para discutirem sobre a assunto.

Foi ainda abordado o Programa do Filme Português na Televisão Escolar Francesa. Todos foram unânimes que foi uma boa iniciativa que deve continuar no futuro. A maioria das nossas crianças puderam ver o filme e no geral houve bom acolhimento dos Professores Franceses.

BEIRÃO DAS NEVES

VASCO MC MARTINS



Na nossa redacção recebemos um exemplar de "Sillages", revista do Département d'Etudes Portugaises de l'Université de Poitiers. Traz artigos eruditos sobre Abel Botelho, os Maias de Eça de Queirós, António Nobre e Gil Vicente.

Para os interessados, o endereço:

95, av. du Recteur Pineau
86022 POITIERS



L'Université de Haute Bretagne - Section de Portugais com a colaboração da Maison de la Culture de Rennes e l'Association pour le Développement des Etudes Portugaises, Bresiliennes, de l'Afrique et de l'Asie Lusophones, realizou durante o passado mês de Novembro várias manifestações culturais sendo a língua portuguesa e as regiões do mundo onde ela é falada, o tema central.

Para além dos filmes: "O Salto", e "Dona Flor e seus dois maridos", A Comuna representou a peça de Gorki "A Mãe". Houve canções e danças de Portugal, Brasil, Angola, Guiné, Moçambique. Foram também apresentados vários filmes, seguidos de debates sobre Angola, Guiné e Moçambique.



AGENDA

— O Decreto-Lei n.º 336/78, publicado no «Diário da República» de 11 do corrente, estabelece:

- 1) Ao Serviço Básico Português no Estrangeiro (SEBE) são cometidas, no que se refere à gestão do pessoal docente dos cursos de ensino básico português no estrangeiro, atribuições idênticas às das direcções dos distritos escolares, no âmbito da Direcção-Geral de Pessoal.
- 2) Os lugares docentes dos cursos de ensino básico português no estrangeiro são considerados, para efeitos de provimento, como os lugares das escolas existentes em Portugal. O provimento destes lugares será feito por concurso documental, segundo regras a definir por despacho ministerial.
- 3) Consideram-se vinculados os professores profissionalizados não efectivos reconduzidos em cursos de ensino básico português no estrangeiro no ano escolar de 1977/78 e os nomeados, em resultado do concurso, no mesmo ano escolar.
- 4) Para efeitos de nomeação, os professores profissionalizados não efectivos que não tenham entrado em exercício de funções em qualquer distrito escolar deverão apresentar no SEBE, no prazo de 90 dias, a contar da sua nomeação, os documentos referidos no n.º 28 da Portaria n.º 409/77, de 9 de Julho.
- 5) As reconduções, colocações, provimentos e demais situações relativas a estes professores são aplicáveis às disposições dos Decretos-Leis n.º 263/77, de 23/6, n.º 265/77, de 1/7 e n.º 373/77, de 5/9, que não sejam contrariadas pelo disposto neste decreto.

PHOTO - PORTUGAL - ENSEIGNEMENT

à propos d'une exposition de photos sur le Portugal ..

"On aime bien expliquer des textes avec vous parce que vous nous faites voir". Je crois que c'est le compliment qui m'a le plus touchée dans la bouche d'un élève, il y a quelque temps déjà.

En effet, pour moi, faire de la photo ou enseigner une langue c'est un peu la même chose : il s'agit toujours de regarder, de découvrir, d'apprendre à voir, de dégager d'un désordre un ordre, de comprendre ou d'utiliser un "signe" ou des signes significatifs de la réalité ou d'une réalité. C'est pourquoi j'ai exposé ces photos sur le Portugal à Limoges au début novembre 1978.

Ou plutôt pourquoi je ne les ai pas proposées au public auquel je les destinais. En réalité, je les avais faites à l'intention de deux types de personnes : pour ceux qui parlaient de la Révolution Portugaise sans comprendre (de façon avouée ou non) ce qui se passait et pour mes collègues qui enseignaient aux mêmes élèves portugais que moi et qui ne s'en expliquaient pas toujours les difficultés ou les réactions. Mon oeil s'est donc intéressé surtout aux régions d'origine de ces élèves (Tras-os-Montes et Beira Alta) et bien sûr aux grandes villes, Lisbonne et un peu Porto.





Je ne savais pas à priori ce que j'allais photographier. Je ne voulais pas faire de photos en couleurs : l'attention se disperse, on décrit, on énumère mais on n'analyse rien. Ce n'est qu'après avoir développé, agrandi, trié, que quelques aspects se sont dégagés dans cet ensemble. D'ailleurs ce sont presque toujours les remarques de mes collègues et amis qui m'ont expliqué ce que j'avais dit et comment.

C'est une vision très subjective, respectueuse d'un Portugal traditionnel, rural et qui est peut-être en train de disparaître ? "C'est une suite d'impressions". Les paysages ou les photos plus abstraites de pierres, de bois, de paille, expriment, me semble-t-il, l'âpreté mais aussi la dignité de ces régions. Les portraits sont pour la plupart ceux de personnes âgées ou d'enfants : c'est chez eux, à mon avis, que la tendresse, la générosité osent s'exprimer sans tricherie. Les scènes publiques sont celles du marché, de la foire, lieu privilégié de la vie sociale au Portugal.

Je ne savais pas ce que je pensais de l'Alentejo. Or, après avoir trié, il restait surtout des façades de maisons. "Trop plat" m'a dit un excellent photographe qui ne connaissait pas le Portugal. Mais on m'a rappelé le "Horas mortas..." de Florbela Espanca et j'ai osé montrer ces photos : elles avaient apparemment un sens.

J'ai réalisé peu à peu comment j'avais utilisé des signes, des symboles spatiaux qui fonctionnaient essentiellement dans un système, ou en référence à un système de signes culturels portugais et comment bien des choses pouvaient échapper à un non initié peu habitué à "lire" des photos. Faire comprendre que l'humour dans la série sur la révolution était inhérent aux scènes photographiées et non à la prise de vue s'est révélé une gageure.

Voilà pourquoi j'ai pensé qu'il valait mieux les situer d'abord comme "photos" puis comme "photos sur le Portugal" et les présenter à des gens habitués à regarder des photos : il leur est plus facile



de dégager des systèmes de signes. J'étais quelqu'un qui faisait de la photo et en utilisait les techniques - et qui par ailleurs était professeur de portugais de portugais, et non pas le professeur de portugais qui parlait du Portugal, pour une fois en photos. En un mot, ce sont les personnes qui connaissaient le Portugal, ou les personnes qui pratiquent la photo qui se sont intéressées à ces photos. Le but que je m'étais assigné, faire mieux connaître le Portugal n'a pas été vraiment atteint. Je voyais et montrais déjà dans un langage étranger.

J'utilise assez souvent ces photos en cours : les élèves se trouvent en contact direct avec une réalité. Et ils en jugent immédiatement l'interprétation, beaucoup mieux que lorsqu'il s'agit d'analyser un discours (celui du professeur ou celui d'un texte). Des discussions passionnées et passionnantes sont nées sur l'amitié, les enfants, en France et au Portugal à propos d'une photo où deux enfants étaient

assis sur un trottoir. Et je préfère de beaucoup travailler sur un document subjectif, peu descriptif. N'est-ce pas ce que l'on fait dans nos cours lorsqu'on étudie un texte d'auteur ? Ne part-on pas souvent du subjectif pour aller vers l'objectif, du concret vers l'abstrait ? Les enfants d'origine portugaise ont une connaissance de leur langue, de leur pays, de leur culture fortement empreinte d'affectivité, qui a besoin de s'exprimer pour être assumée. Il me semble qu'une situation émotionnelle est efficace pour cela. J'ai vu de véritables déblocages s'opérer à la vue d'une maison, d'une seule porte, d'un visage.

J'aimerais pouvoir poursuivre en groupe cette réflexion que j'ai entreprise de façon individuelle.. Quelle est la place de l'image à l'heure actuelle dans notre enseignement ? N'avons-nous pas trop tendance à l'utiliser seulement comme auxiliaire du langage parlé ou écrit ? Ne pourrait-on pas reconnaître qu'il peut avoir un fonctionnement autonome permettant un type de communication.

Martine VINET
Professeur de Portugais
à Périgueux



Respondendo à informação do Beirão das Neves (Fontanário nº 3) sobre os seguros Império, recebemos a seguinte correspondência :

2

É difícil dizer o que penso do Seguro. Mas não pude deixar de perguntar se a Império recebe subscrições de seguros sem passar recibos, como me encomenda que faça a se em algum lado é inequivocamente afirmado que o aluno fica coberto pelo seguro desde o momento em que entrega o dinheiro ao professor.

No caso de acidente antes do professor enviar o dinheiro à Império quem assume a responsabilidade ?

O resto são comparações que todos terão feito :

	Seguro Império	Outras seguradoras
Custo	5	12
Nº horas/semana	3	27
Nº deslocações casa-escola V.V.	2	18

Ou seja o Seguro Império para um igual número de horas e deslocações à Escola custaria 45 francos. Isto sem tomar em conta as restantes condições :

Taxa de 50 francos (! ? !)

Risco de morte :

Império 2 mil francos - outros : 10 mil

Invalidez permanente :

Império 40 mil francos - outros : 100 mil

Ah ! o professor fica seguro gratuitamente !
(Por graça ou de graça ?)

UMA INFORMAÇÃO DA EQUIPA DO MANUAL ESCOLAR

Caro Colega,

Da inexistência de manuais suficientemente adaptados à realidade em que vive a criança com quem trabalhamos e de material escolar e didáctico;

dos contactos havidos com a equipa de formadores do Irfed nos diferentes estágios e contactos havidos;

nasceu a ideia deste manual.

Pôs-se a ideia em marcha e uma equipa de dez elementos empenhou-se em a tornar uma realidade. Aqui estamos.

Não pretendemos substituir o professor nem dar lições, apenas ajudar-te a elaborar as tuas lições e tirar delas um bom rendimento. O melhor? Isso seria o ideal, mas ... Há falhas, muito embora tivéssemos procurado dar uma sequência lógica e gradual às diversas fichas. Tinha de acontecer. A equipa é formada por elementos que têm cada um a sua "técnica" e a sua "didáctica".

Se achares validade neste manual, testa-o e faz as tuas observações. Só assim conseguiremos, num futuro próximo, ter o nosso manual.

Se achas que não tem valor algum, manifesta-te também. Precisamos e agradecemos a tua ajuda.

A disposição gráfica, o colorido e a ilustração própria terão de ser revistas e refeitas. Não te prendas com esses pormenores. Procuraremos uniformizar essa técnica.

Brevemente receberás uma cópia do manual. Dedicá-lhe alguns momentos e dá-nos a tua opinião.

A Equipa do Manual Escolar

Nota da Equipa FF:

No decorrer do mês de janeiro de 79, o Irfed remeterá um exemplar do "manual escolar" a cada professor estagiário do Irfed. Para os outros professores -não estagiários-, o Irfed terá à disposição das autoridades administrativas portuguesas, CEP, os exemplares necessários. Aproveitamos para registar que, desde o nº 1 do Fontanário, as autoridades administrativas portuguesas, Coordenação do Ensino do Português em França, têm tido à sua disposição 160 exemplares de cada jornal destinados aos professores que não participaram nas sessões do Irfed.

PONTO FINAL ?

Ponto Final ?

Acabou

É para sempre findo

o sonho que eu ergui

o meu sonho tão lindo !

O sonho de um jornal.

Acabou

Ponto final

Laus Deo.

Nasceu e morreu. Louvemos ao Senhor. Foi de vida breve, tal estrela candente em noite escura. Sem o brilho da estrela. Era mais como uma velazinha em noite de tempestade.

A vontade de alguns, essa luzinha fragil mais suportou os Santos que contra ela se ergueram.

Voltou a escuridão total. O jornal tinha de morrer, nada é eterno. Tinha uma aspiração, nobre aspiração, a de bem servir ou melhor a de servir bem. E os primeiros a serem servidos eram os nossos colegas de profissão. Para bem actuarmos tínhamos que tocar nas feridas com o bisturi abrimos os tumores que infectavam esse corpo a que chamamos escola portuguesa.

O pegar, no bisturi fez que muitas mais temessem.

O receio do dia de amanhã, os condicionamentos a que estão sujeitos a maior parte dos dos colegas fez instaurar, não a censura mas, mais grave o auto-censura. Faltaram-lhe as forças. Morreu de morte natural.

De Profundis

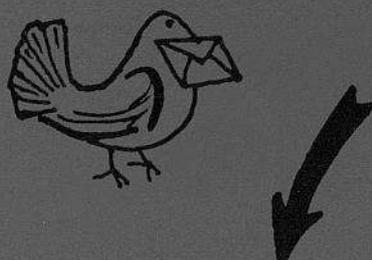
Que fiques em Paz

Pois na tua Paz

Achei a minha Paz

ZÉ DO PORTO .





Colegas ;

Junto remeto mais alguma colaboração para o nosso jornal de professores e não para um "jornal para professores".

Tudo o que nasce , um dia morrerá. Espero que esta lógica simplista não nos desanime.

O "Atelier Jornal ", do qual fazemos parte, com a colaboração da equipa F. F. do IRFED,

cumpriu bem a sua missão. O "Fontanário ", pobre na sua apresentação, simples nos seus artigos , mas rico quanto à liberdade de expressão e transmissão de "vivências vividas" pelos colegas, em momentos de desânimo ou de feliz realização profissional, é um Jornal de Professores.

Um "Fontanário ", jornal somente pedagógico , com

páginas e páginas de artigos altamente especializados, deixaria de ser um Jornal de Professores e passaria a ser um Jornal para Professores. Será que interessa, a nós professores primários , um jornal desse género....talvez melhor na apresentação e com "doutos" artigos, mas inferior a qualquer revista da especialidade?

Participei. Valeu a pena. Tive a possibilidade de contribuir para um trabalho livre e duro , em que o cansaço das deslocações e Jornadas de Paris, me levaram a compreender o esforço do "Corpo Redactorial Principal". Quanto a mim, o "Atelier Jornal", no âmbito da Formação de Formadores, tornou-me receptivo aos Trabalhos de Grupo e com ele aprendi a ouvir e ser ouvido.

Publiquem esta carta na "Opinião do Leitor". Além de membro do Colectivo, e tendo escrito sob os pseudónimos - J. Semana e Joaquim Silva, - e assinando também com o próprio nome, fui sempre um leitor atento do nosso Jornal.

Saudações do colega,

J. Rocha Carneiro

Prof. da Área Consular de Lyon.

VASCO MC MARTINS

UNE HISTOIRE DE DEUX ANS

Pendant deux ans, d'octobre 1976 à décembre 1978, environ cent cinquante enseignants portugais en poste en France ont participé à un cycle de formation de formateurs.

L'IRFED, à cause de son expérience interculturelle, avait été pressenti pour être l'organisateur et le responsable du cadre théorique et pratique de cette formation.

Une équipe a été créée pour élaborer et mettre en pratique ce projet de formation de formateurs. Celui-ci devait s'appuyer sur la diversité de méthodes et d'opinions, sur l'échange d'expériences, en vue de l'enrichissement mutuel ; il est devenu aussi, par la suite, un moment de vie, de rencontre, de nouveaux rapports entre les personnes, favorisant l'analyse critique et libérant la parole.

L'objectif de l'équipe était de contribuer à l'approfondissement des connaissances pédagogiques et à la sensibilisation au phénomène de la migration, tout cela dans un cadre ouvert et dynamique.

C'est pourquoi l'équipe s'est orientée vers un travail non-directif, laissant à chaque enseignant la possibilité d'exprimer librement son expérience de vie ou, simplement, son désir de communication.

LE FUTUR C'EST MAINTENANT !

A partir de janvier 1979 un autre projet de formation commencera. En partant de l'expérience accumulée par l'IRFED ces deux dernières années, les autorités administratives portugaises, par l'intermédiaire de la Coordination de l'Enseignement du Portugais en France, ont décidé de créer leur propre service de formation. Le Fonds d'Action Sociale et le Fonds Social Européen financent cette nouvelle phase du projet.

L'Equipe de l'IRFED va se consacrer maintenant à un travail d'analyse de ses deux ans d'intervention dans le cadre de cette formation, et cette analyse doit se concrétiser sous la forme d'un rapport approfondi.

Nous tenons à dire, ici et maintenant, notre désir que le chemin que nous avons fait ensemble - qui n'est qu'une étape - puisse servir à d'autres interventions et réalisations au bénéfice des enfants des migrants.

Equipe Formation de Formateurs

Ce journal a été élaboré dans le cadre de la formation de formateurs (instituteurs portugais)
IRFED - 49, rue de la Glacière 75013 PARIS

SOMMAIRE

..Equipe F.F.	2
. Editorial	3
. L'Avenir	4
. Formation	6
. Deux jeunes portugais	7
. Théâtre	9
. Page de l'élève	13
. Poésie	17
. Nouvelles de Lyon	18
. Nancy	19
. "Tome Nota"	20
. Expo-photo sur le Portugal (article en français)	21
. Courrier	24